

XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - ENANCIB 2012

GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da informação

**MEDIAÇÃO COMO PROCESSO SEMIÓTICO:
EM BUSCA DE BASES CONCEITUAIS**

Comunicação Oral

Carlos Cândido de Almeida – UNESP

carlosalmeida@marilia.unesp.br

Resumo: No contexto dos estudos da Ciência da Informação não apenas a informação depende de significado para existir, mas os laços sociais são dependentes deste. A pesquisa pretende identificar os fundamentos semióticos dos processos da mediação da informação. Para tanto, objetiva conhecer e analisar os fundamentos semióticos dos processos de mediação, no âmbito da Ciência da Informação. Apresenta reflexões a respeito da explicação semiótica do processo de mediação da informação, em especial, no que tange a discussão das bases semióticas do da noção de comunicação e mediação. Discute as mediações como mecanismos produtores de significados, na esteira do processo de comunicação, desenvolvida, fundamentalmente, pela ação dos sujeitos humanos procurando solucionar problemas de comunicação de ordem técnica e sociocultural.

Palavras-chave: Mediação. Processo Semiótico. Semiótica.

1 INTRODUÇÃO

A comunicação é uma atividade animal que se estabelece antes da conformação simbólica dos signos ou representações. Em agrupamentos humanos, a comunicação surge como um processo de pôr em comum significados, um conteúdo intelectual que remete ao objeto de referência em uma situação ou contexto determinado. Os signos produzidos pelo homem em sociedade funcionam como a porta de entrada de significados convencionais e não convencionais. Cultura e convensão são conceitos que se misturam na explicação do significado em sociedade. Conquanto não é apenas pelas vias da regularidade da interpretação que conhecemos o mundo. As percepções são gêneros de outras formas de descobrir as coisas e a realidade, como são também os sentimentos.

No contexto dos estudos da Ciência da Informação, não apenas a informação, enquanto forma intelectual e material, depende de significado - se ela mesma não for apenas constituída de conteúdo semântico e intencionalidade - mas também os laços sociais são decorrentes de inbterações significativas. A ação de traduzir signos, podemos assim dizer, deveria estar entre as atividades investigadas pelo campo, desde o ponto de vista da organização até a circulação da informação.

Em certa medida, as ações que objetivam pôr em comum os significados dos sujeitos dependem impreterivelmente de signos. Quando profissionais e recursos procuram aproximar informação e usuário, cultura e sujeitos, não resta dúvida de que um tipo de tradução de signos é mobilizado.

Nesse sentido, podemos antecipar nossa pressuposição com a seguinte afirmação: a mediação (ato ou efeito de mediar, interceder e interpôr) é uma atividade de natureza semiótica, isto é, institui-se por e nas representações. Contudo, sem uma leitura crítica das contribuições da Semiótica, a ciência dos signos na cultura e natureza, não é possível entrever a variável simbólica na comunicação e mediação nos diversos contextos informacionais.

Tendo isso em mente, a pesquisa que trata dos fundamentos semióticos da mediação da informação pretende discutir, dentre outros temas associadas à questão semiótica, os condicionantes semióticos do processo de mediação no contexto da Ciência da informação. Para isso, a pesquisa objetiva conhecer e analisar os fundamentos semióticos dos processos ligados à mediação da

informação, em outras palavras, o processo que leva em conta a interação de sujeitos com o objetivo de aproximar universos simbólicos para permitir que a informação circule entre os interagentes. Devemos ainda observar e examinar a literatura que sustenta os processos de mediação; as teorias semióticas que explicam os processos de mediação da informação, em especial, dos campos da Lógica e Semiótica de Charles Peirce (1839-1914). Além disso, pretendemos ao final da pesquisa sistematizar os fundamentos semióticos do processo de mediação da informação.

Este trabalho procura relacionar as reflexões obtidas a respeito da explicação semiótica do processo de mediação da informação, em especial, no que tange o seguinte objetivo da pesquisa: discutir as bases semióticas do processo de mediação da informação.

Ressaltamos ainda que a pesquisa tem orientação teórica e para a consecução dos objetivos está sendo necessário recorrer ao tipo conhecido como pesquisa bibliográfica, na medida em que se busca esclarecer problemas examinando a literatura pertinente sobre o assunto, identificando e consultando materiais (teses, dissertações, livros e artigos relevantes ao tema) de grande relevância. Além disso, adotamos uma abordagem qualitativa frente à literatura, o que significa dizer que não estamos dando ênfase à frequência dos conceitos encontrados.

Como primeira etapa deste trabalho, apresentaremos conceitos semióticos de extração peirceana ligados à discussão. Em uma segunda etapa, esboçaremos algumas conexões úteis à reflexão da mediação da informação como processo semiótico.

2 SEMIÓTICA E MEDIAÇÃO

A Semiótica, ciência geral dos signos, especialmente a de extração peirceana - embora existam outras correntes ligadas à Lógica e à Linguística -, longe de ser uma panaceia teórica a resolver os problemas da Ciência da Informação, nos traz explicações instigantes a respeito da produção do significado e do processo comunicacional. É possível que os conceitos supostamente exotéricos dos tipos de signo não tenham serventia alguma para pensar os problemas humanos de sentido.

Existem argumentos que sustentam a Semiótica como uma abordagem integradora de perspectivas parciais sobre a comunicação, a cognição e a significação. Longe disso, pensamos na abordagem semiótica em sua relação estreita com a Filosofia de Peirce, e em alguns casos, esta última parece mais interessante e desafiadora que a própria teoria dos signos.

Sem alongar muito nossa exposição, aceitamos que o processo que leva a transformação de qualquer coisa que seja em conhecimento passa por um processo de significação (produção do significado), e a Semiótica contribui para compreendermos esta estimada atividade. As preocupações semióticas podem ter surgido nos escritos de Peirce que tratam dos principais tipos de signos e das questões cognitivas, respectivamente: “Sobre uma nova lista de categorias” (1867), “Questões concernentes a certas faculdades reivindicadas pelo homem” (1868) e “Algumas consequências de quatro incapacidades” (1869). A preocupação inicial era instituir uma nova forma de conceber a cognição como processo inferencial que ocorre por meio de signos e esboçar as categorias Qualidade, Relação e Representação, ulteriormente designadas de fenomenológicas, universais ou da experiência.

Por volta de 1897, o fragmento “Divisão dos signos” procurou apresentar a amplitude conceitual da Semiótica, discutindo ideias que somente com o estabelecimento da Linguística Estrutural seriam postas em comum, entre elas, a da convencionalidade dos signos. No referido texto, além de definir signos, seus tipos e classes, Peirce (2000, p. 61, CP 2.273) explica a natureza da representação:

Estar em lugar de, isto é, estar numa tal relação com um outro que, para certos propósitos, é considerado por alguma mente como se fosse esse outro.

Assim, um porta-voz, um deputado, um advogado, um agente, um vigário, um diagrama, um sintoma, uma descrição, um conceito, uma premissa, um testemunho, todos representam outra coisa, de diferentes modos, para mentes que os consideram sob esse aspecto. Veja-se o conceito de Signo. Quando se deseja distinguir entre aquilo que representa e o ato de representação, pode-se denominar o primeiro de “representâmen” e o último de “representação”.

O ato de representação para Peirce não é uma atividade involuntária, que não se correlaciona com o conhecimento. Quando há representação, temos a produção de um novo conhecimento. O próprio conhecimento depende da representação para

constituir-se em uma leitura particular da realidade e do mundo, de modo a não termos acesso ao mundo vivido sem a representação. O processo de representação supõe a tradução de signos; não podemos representar o mundo ou o conhecimento sobre ele sem dispor de signos, e a cada instante que nos aproximamos de uma realidade a ser conhecida, representamos. Quando diminuimos a distância de uma relação direta com a realidade, esta já está contaminada de representações. E quando conhecimentos e fazemos com que outros conheçam a partir de nós, estamos representando e fazendo nossas traduções para que outros sujeitos possam traduzir, o que, a rigor, também é criar signos.

Aludindo ao caráter criador dos signos, devemos pensar que estes porta-vozes não apenas estão no lugar de um sujeito, mas é através deles que o sujeito reconhece o mundo e procurará orientar-se neste. Contudo, a representação não é uma criação aleatória, sem relação com um ponto de convergência. A despeito de esse aspecto, retomemos a Peirce (2000, p. 160, CP): “Um Signo é um Cognoscível que, por um lado, é determinado [...] por algo *que não [é] ele mesmo*, denominado de seu Objeto, enquanto, por outro lado, determina alguma Mente concreta ou potencial, determinação esta que denomino de Interpretante criado pelo Signo, de tal forma que essa Mente Interpretante é assim determinada mediatamente pelo Objeto.”

Este anteparo da realidade ou do mundo fenomênico, é o que chamamos de objeto, o qual determina e orienta a produção dos signos. A natureza do objeto pode variar, mas o certo é que o signo procura um objeto, e quando não há um referente existencial, o objeto é aquele que está no signo (objeto imediato).

Outro aspecto que merece destaque para nossa discussão é, certamente, a categoria fenomenológica que Peirce (2000, p. 27) chamou de *terceiridade* (*thirdness*), “A triplicidade intelectual, ou Mediação, é minha terceira categoria.” A mediação aparece como um terceiro, mas não representa um simples fato, o processo de mediação está no mesmo nível do processo cognitivo, pois quando alcançamos o estágio da mediação, produzimos conhecimento e se oferecemos tal possibilidade a outrem, da mesma forma oportunizamos a criação de conhecimento.

Se a primeira categoria da experiência requer a qualidade e a presentidade dos fenômenos (sua capacidade de estar simplesmente presente à mente), e na segunda categoria entendemos que o fato bruto é dominante, a suposição de que a

mediação é apenas um contato físico, um ato, esvazia da mediação sua característica fenomenológica fundamental, a criação de conhecimento e a expansão do pensamento. E quando isso ocorre, é sinal que um processo comunicacional está em andamento, e em pleno desenvolvimento.

Desse modo, mediação, na Fenomenologia e Semiótica peirceana, não é apenas um terceiro elemento, mas uma condição para a cognição. Por ora, os conceitos de representação, signo e mediação de Peirce bastam para prosseguirmos.

3 MEDIAÇÃO COMO PROCESSO SEMIÓTICO

É praticamente impossível vasculhar tudo o que foi pensado a respeito da mediação, em geral, e mediação da informação, em particular. Por esta razão, registraremos algumas ideias centrais, as quais estão sendo muito úteis à pesquisa, a principal delas toma a mediação como um processo semiótico que promove a aquisição de conhecimento. Para a Semiótica peirceana, quando conhecemos algo, atingimos um estágio de mediação. Sendo assim, toda mediação seria um processo simbólico e ligado à aprendizagem.

O processo da mediação decorre de uma instância anterior, obtida no campo da Comunicação. Essa instância tem com a Semiótica uma relação genética. Assim, identificamos o argumento de Santaella a respeito da ligação da Comunicação com a Semiótica: “Em primeiro lugar, está implícito que a semiótica de Peirce é uma teoria da comunicação pelo fato de que não poderá existir comunicação sem os signos.” (SANTAELLA, 2001, p. 418, tradução nossa). O argumento, apesar de simples e direto, é plausível, pois é muito provável que todos concordemos com a última premissa: não poderá existir comunicação sem signos.

Como o processo de comunicação requer a circulação de signos (verbais e não verbais) podemos entendê-lo, obviamente, como um processo semiótico, e por sua vez, traducional na medida em que procura aproximar realidades distantes. Apesar de as inúmeras abordagens e teorias que explicam o processo de comunicação, algumas conflitantes do ponto de vista das metodologias de pesquisa e dos conceitos empregados (LOPES, 2001), a tarefa de pôr em comum signos (mensagens) é uma tese aceita.

Santaella (2001, p. 415) ainda sustenta, recorrendo a Peirce, que a tríade que constitui o signo (objeto, signo e interpretante) é uma explicação de ordem geral em comparação à “pouco elaborada” - como assinala - noção de emissor, mensagem e receptor. Contudo, percebemos que ainda ficamos a depender de uma matriz teórica da explicação de Shannon relativa ao processo de comunicação, como se fosse um paradigma a ser inevitavelmente confrontado. A autora vai mais adiante, com um argumento holístico que projeta a teoria semiótica a um nível superior, pois esta seria, ao mesmo tempo: uma teoria da objetivação, uma teoria da significação e uma teoria da interpretação, decorrente, obviamente, da análise dos três correlatos do signo (SANTAELLA, 2001, p. 421).

Além das características triádicas da comunicação, procuramos aqui ressaltar sua condição processual e transformadora. Desse modo, presumimos que a comunicação assim como a mediação, enquanto processos semióticos, pressupõem a transferência de signos simbólicos entre as pessoas em sociedade, os quais são resultados de convenções, com o propósito de gerar um interpretante relativamente comum aos intérpretes. Consideramos “relativamente” porque não retiramos o potencial criativo da interpretação nem mesmo seu caráter aproximativo. Essa produção requer que a ação dos signos (semiose) envolva os sujeitos em um ato de tradução construída por ambos. A capacidade de incorporar significados, construídos coletivamente, afasta a hipótese de aproximação da comunicação como um circuito fechado em que transitam sinais e estímulos. Seja em qualquer contexto, nos ambientes da informação pública e da informação especializada, a comunicação dependerá de um processo de tradução sígnica.

Entretanto, compreender a mediação, por uma perspectiva semiótica, não é suplantado as abordagens concorrentes sobre o assunto, porém apenas sublinhar alguns aspectos deste complexo processo: o simbólico e o traducional. Os atributos simbólicos da mediação envolvem a capacidade de reconhecer e interpretar códigos simbólicos produzidos em um contexto cultural como condição teórica e prática para aproximar usuários de materiais que permitem a apropriação de uma eventual informação.

A Semiótica de Peirce nos sugere ainda que todo processo de mediação, além de implicar uma cognição, resulta na tradução de signos. Sendo assim, quaisquer processos informacionais – os quais procuram impingir um efeito sobre a

informação, como organizar, comunicar, circular, representar, usar etc. - de natureza aproximativa entre pessoas, entre pessoas e máquinas, pessoas e conteúdo informacional, envolvem questões dos códigos sógnicos e da ação de tradução.

O processo informacional no contexto da área, grosso modo, constitui-se do conjunto de etapas e fases que visam a facilitar o acesso à informação no contexto dos serviços de informação de âmbito geral ou especializado. Nesse processo, incluímos também a apropriação, a criação e o registro da informação pelos sujeitos usuários, e do lado dos profissionais da informação, temos a leitura documental, a indexação de assunto, a representação da informação, o gerenciamento da informação, a disseminação da informação e a mediação da informação. Assim sendo, uma teoria semiótica dos processos informacionais diria respeito às condições sógnicas e fenomenológicas que interferem nas fases e as etapas compreendidas em tais processos.

Particularizando a análise, no contexto do campo da Ciência da Informação, a mediação é entendida de algumas formas, as quais enaltecem a participação do agente sociocultural. É possível que a discussão de mediação da informação, como aparece na literatura em algumas oportunidades, possa ter surgido da teorização de práticas de mediação cultural. Essa é uma hipótese reforçada pela semelhança conceitual e campo semântico associado que amparam as proposições de mediação da informação.

Reportamo-nos a elucidativa explicação de Coelho Netto (1997, p. 248), para quem, mediação da cultural, é entendida como “Processos de diferente natureza cuja meta é promover a aproximação entre indivíduos ou coletividades e obras de cultura e arte.” É provável que essa reunião não garanta a formação de um público ou a incorporação de uma prática estética específica, muito menos a aceitação das informações. Entretanto, quando discutimos as atividades de ação cultural, no contexto das práticas em equipamentos culturais, classificamos estas como processos de mediação cultural. Quando a criação de elementos culturais ou de conhecimentos entra em cena, a ação cultural, como tipo de mediação cultural, passa a supor fases de incorporação de informação que será transformada em alguma outra coisa. Nesse sentido, a mediação cultural, em seus níveis mais arrojados propõe uma criação de significados em instituições culturais.

A mediação nas instituições culturais (bibliotecas, arquivos e museus) está longe de ser um processo performático único, geral e modelar. É, sobretudo, uma ação comunicacional, portanto também semiótica, que implica a transformação de uma situação de defasagem. Em cada contexto sociocultural, podemos identificar tipos variados de mediação. Davallon (2007, p. 7-14) assinala tipos de mediação, os quais representam o uso operatório ou descritivo deste termo: mediação mediativa, mediação pedagógica, mediação cultural, mediatização, mediação museal, mediação estética, mediação artística, mediação da informação, mediação dos saberes, mediação institucional, mediação social, mediação técnica e mediação simbólica. Essas distinções aplicadas do termo mediação, tal como o processo ocorre na realidade das instituições, com objetos e técnicas, obrigam-nos a repensar o ato de comunicação nestes espaços.

Davallon (2007, p. 22) prossegue, sustentando que a mediação é um modelo de comunicação, com o propósito de superar as deficiências das principais teorias comunicacionais: a) modelo comunicacional da transmissão de informação, derivado da teoria matemática da informação, e b) modelo comunicacional da interação social, em que a relação entre os sujeitos é mais importante que a informação. Esses modelos, continua Davallon, não conseguem compreender os fatores técnico e social da comunicação, porque é necessário reconhecer a dimensão mediativa. No modelo da mediação, a comunicação se faz por acionar um terceiro elemento que ajusta tal processo quando este não é suficiente para a efetivação do processo comunicacional.

A partir das considerações de Davallon, depreendemos que a mediação, em geral, e em suas institucionalizações operatórias é um modelo do processo de comunicação que procura superar algumas deficiências dos demais modelos concorrentes, sem descartar suas contribuições, pois estes ainda estão ordenando práticas de comunicação na sociedade. Contudo, no interior dos equipamentos culturais, a mediação é o principal, senão o único, mecanismo de comunicação entre instituições e usuários da informação. É essa configuração modelar que aceitamos na pesquisa para a mediação, um ato que proporciona a comunicação efetiva, quando as estratégias tecnológicas e as ações humanas, isoladamente, não conseguem completar o processo de produção de significados.

Em uma acepção operatória, por mediação da informação entendemos uma proposta teórica para explicar a função social do profissional da informação, especialmente arquivistas, bibliotecários e museólogos na efetivação do processo que aproxima informação e usuário¹. A natureza da atividade laboral do profissional é um fazer representado por um conjunto de tarefas bem delimitado socialmente. Nesse sentido, valemo-nos da expressão “função social” para representar a finalidade de uma profissão na sociedade. Mas a mediação enquanto modelo suplementar do processo comunicacional, está confortavelmente identificada com a proposição da mediação da informação.

A mediação da informação representa, ao mesmo tempo, uma função social idealizada e um do objeto de pesquisa da Ciência da Informação, segundo a proposta de Almeida Júnior (2003, 2004, 2006, 2007, 2009). Em um exame grosseiro das ideias centrais de Almeida Júnior, podemos supor como possibilidades de acepção, vislumbrar os níveis da definição de mediação da informação, a saber: a) objeto de pesquisa do campo da Ciência da Informação; b) objeto de trabalho do profissional da informação; c) objetivo e finalidade da atuação do profissional da informação, no sentido de sua função social elementar; d) processo que ocorre nos serviços de informação nas tarefas ligadas à gestão, organização e disseminação da informação; e) ação de interferência sociocultural com a intenção precípua de levar à apropriação da informação que significa, ao fim e ao cabo, alteração do conhecimento dos sujeitos pela via da criação de novos significados.

Aproximando as abordagens de Almeida Júnior (2003, 2004, 2006, 2007, 2009) e de Davallon (2007), podemos aceitar que o modelo teórico de comunicação representado pela mediação manifesta-se, principalmente, na última acepção, quando a tentativa de apropriar-se da informação exige práticas sociais de interferência como a única forma de permitir a realização do processo comunicacional. O conceito de mediação da informação ressalta a questão central das interferências possíveis como o ponto basilar de qualquer processo de comunicação da informação. Para Almeida Júnior (2006, p. 8), mediação da informação é “[...] toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural;

¹ A base prática das atividades de mediação da informação em bibliotecas, por exemplo, está relacionada ao serviço de referência, o qual foi anunciado primeiramente nos Estados Unidos, na segunda metade do século XIX.

individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça plena ou parcialmente, uma necessidade informacional.”

Compreendemos a interferência como ação positiva face à realidade com o intento de resolver possíveis problemas que os modelos de transmissão da informação e de simples interação humana não dirimiram. Por esta perspectiva, as linhas de Almeida Júnior e Davallon se aproximam no contributo de fazer pensar a mediação como a solução para as dificuldades comunicacionais. Contudo, para nos referirmos a fatores semióticos, devemos, ainda, supor que a mediação, em seu viés de apropriação da informação, deve mobilizar códigos e mecanismos de tradução de signos.

A mediação da informação tem uma ligação mais estreita com o ato de comunicação. No interior da disciplina Comunicação, encontramos uma série de estudos destinados a compreender a dinâmica da significação entre seres humanos em sociedade. É nesta seara que nos confrontamos com as teorias semióticas. Em nosso entendimento, a mediação da informação é um processo semiótico geral decorrente de uma atividade interacional que influi na apropriação da informação e na transformação desta em algo mais elaborado.

Assim como para a Semiótica, mediar no contexto das interações sociais, pressupõe uma instância semiótica de trocas simbólicas de elementos informativos. “Semiótico” porque recorre ao uso de signos e tem como objetivo a produção dialógica de significados. O dialogismo é uma característica da própria evolução do pensamento, e não poderia ser diferente na mediação da informação. Sendo assim, o jogo com signos, com a intenção proposital de atribuir significados, como empresa humana, está na gênese do processo mediativo.

Sob esta perspectiva, todo conhecimento humano em sociedade é acionado por uma ação de mediativa, de modo a completar o processo de comunicação. Como não podemos dispensar a compreensão semiótica da comunicação, o mesmo se aplica a sua especialização, isto é, a mediação. Na Filosofia de Peirce, não teríamos conhecimento algum sem o estágio da consciência chamado de mediação. As categorias fenomenológicas sugerem que a mediação, ou a presença de um terceiro interfere na constituição da cognição, de modo que antes da mediação não há cognição. O exemplo emblemático de mediação, na teoria semiótica, é o próprio conceito de signo. Segundo apontam Fadel et al (2010, p. 20), na esteira de uma

perspectiva semiótica da mediação e apropriação da informação, “A mudança da informação para o conhecimento supõe uma tradução sígnica para efetivar a comunicação, especialmente a interpessoal.”

Também devemos notar que a mediação desencadeia – na leitura da Semiótica, assim como na Ciência da Informação – um fluxo de produção de conhecimentos. Nesse caso, o que é possibilitado pela mediação é a continuidade da semiose, enquanto fluxo do pensamento. Seria razoável cogitar que a mediação representa qualquer processo que promove a superação de uma situação anterior em uma mais informada ou posterior. Essa natureza da mediação (da informação ou da cultura), revela a fundamental importância da semiose. A ação dos signos em qualquer contexto sugere um salto para um nível interpretativo e de ilustração antes não obtido. A interpretação ininterrupta, condição *sine qua non* de qualquer fluxo de significados, não poderia estar dissociada da mediação da informação.

Quando as pessoas chegam a instituições culturais, a primeira interação, seja humana ou através de tecnologias da informação e comunicação, é iniciar uma cadeia de signos no sentido de obter uma compreensão mútua entre usuários e profissionais. Desse modo, não teríamos precisamente um princípio definido na sequência do processo de mediação da informação – como faz supor a exclusividade do atendimento ao usuário como a única instância mediativa -, pois até indiretamente, a possível solução a um problema de informação funciona como signo no processo de semiose.

Encontramos também uma relação direta da mediação com o processo de tradução de signos. Semelhante ao que ocorre no processo de comunicação, a tradução está presente como dispositivo fundamental da mediação da informação, talvez até mesmo seja a base das principais atividades dos profissionais da informação. Isto é, traduzir realidades socioculturais em demandas de informação e documentos em assuntos adequados aos usuários é determinantes para os profissionais. Nesse caso, a tradução recorre a um conceito de Peirce, desenvolvido no interior da Semiótica, que trata da faculdade de representar por semelhança seu objeto, os signos icônicos ou a iconicidade. Os objetos representados ligam-se em um fluxo representacional por elos que são os ícones, os quais unem potencialmente um pensamento presente a um pensamento futuro.

Em outras palavras, quando profissional e usuário interagem com a intenção básica de aproximar realidades fenomênicas e socioculturais diversas para a aprendizagem e a mudança de hábitos, ambos devem reconhecer a iconicidade do diálogo, isto é, a conformação da linguagem de ambos às semelhanças e similitudes, sem as quais, nenhuma ligação sógnica seria possível. Por isso, encontramos no pilar da criação sógnica, os ícones, que juntamente com o índices e símbolos fornecem, respectivamente, a referencialidade e a convencionalidade das mensagens articuladas entre profissionais e usuários na mediação da informação.

No que tange a apropriação da informação, admitida agora, especificamente como resultado da mediação da informação, esta deve ser considerada um processo que trata da cognição da informação pelo usuário. Nesse sentido, precisamos de elementos conceituais que expliquem, pelo menos parcialmente, a configuração deste processo na realidade humana.

Tal fenômeno consiste na apropriação efetiva de informação recebida. Le Coadic (1996), prefere empregar no lugar de apropriar as palavras “usar” e “utilizar”. Para o autor, “usar a informação” é se valer de uma matéria prima para se obter um efeito que satisfaça uma necessidade de informação. Enquanto que “utilizar um produto de informação” seria empregar um objeto para obter o mesmo efeito de satisfação. Nas duas situações, tanto a metáfora da matéria prima quanto a de instrumento para se obter um benefício qualquer, não elucidam a mesma realidade que provisoriamente o termo “apropriação” procura descrever. Tendo em vista os estudos de usuário tradicionais, a apropriação da informação é associada simplesmente a partir da retirada de material de um estoque informacional. Nesse caso, é razoável pensar em uso do sistema de informação e não em apropriação da informação, o qual não se pode medir quantitativamente.

O exame destas questões conceituais merecer ser aprofundado no decorrer da pesquisa, acrescentando em um horizonte próximo a possibilidade de transferir elementos teóricos da Semiótica da Cultura para o campo da mediação em ambientes informacionais. Por ora, acreditamos que o entendimento dos processos de mediação pode ser beneficiado com o auxílio dos qualificativos conceituais de extração peirceana: tradução, iconicidade, semiose, terceiridade e representação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o fenômeno da mediação seja demasiado complexo para ser discutido em poucas linhas, é razoável, pelo menos, pensá-lo em sua íntima proximidade com o fenômeno comunicacional. Acreditamos ter ficado evidente que a mediação pode ser concebida, assim como sugere Davallon (2007), como um modelo teórico arrojado para a comunicação, e como tal, pode ser resumido como tradução e transmissão de signos (SANTAELLA, 2001) que promove a apropriação da informação (ALMEIDA JÚNIOR, 2009).

Assim, podemos começar a pensar na mediação em geral - e a mediação da informação, de forma específica - como uma especialização da comunicação, desenvolvida fundamentalmente por sujeitos humanos procurando solucionar problemas de comunicação de ordem técnica e sociocultural apoiando-se em signos e movimentos de tradução cultural. Ademais, ela requer uma conjunção simbólica de natureza semiótica entre os sujeitos, a qual pode ser concebida como tentativas de tradução e produção de significados em comum, na forma de condição socialmente aceita para criar conhecimento a partir da apropriação da informação. Desse modo, e distanciando-se um pouco do processo clássico de comunicação - do ponto de vista da teoria matemática da informação, reduzido no binômio emissor-receptor - a mediação é, sobretudo, um ato semiótico com o propósito de permitir a continuidade do fluxo da semiose em um contexto informacional.

Com a presente pesquisa pretendemos também nos aprofundar na dinâmica semiótica oculta na relação entre mediação e apropriação da informação. A proposta não é subjugar conceitos e termos amplamente adotados na literatura, porém, objetivamos tão somente rever as alternativas semióticas para pensar este processo.

Abstract: In the context of the studies in the Information Science, the information not just depends on meaning, but the social bows are current of this. The research in development analyse conceptual elements to answer the question about the semiotic foundations of the information mediation processes. This paper aim to know and analyse the semiotic foundations of the information mediation processes in the Information Science context. It presents concepts and reflections regarding the relationship of the information mediation process Charles Peirce's Semiotics, especially, the discussion about the semiotic bases to information mediation process. It discusses the information mediation as a specialization of the communication process, developed, fundamentally, for the human action trying to solve communication and technical problems in sociocultural order.

Keywords: Mediation. Semiotics Processes. Semiotics.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. **Leitura, mediação e apropriação da informação**. 2006. 14 p.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação: discutindo a atuação do bibliotecário. In: FADEL, Barbara (Org.). **A informação nas organizações sociais: desafios em face de multiplicidade de enfoques**. Marília: FUNDEPE, 2003. 1 CD-ROM.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Implicações entre formação e objeto da área de informação. In: ENCUESTRO DE DIRECTORES, 8. Y ENCUESTRO DE DOCENTES DE ESCUELAS DE BIBLIOTECOLOGÍA Y CIENCIAS DE LA INFORMACIÓN DEL MERCOSUR, 6. 30 de agosto a 01 de setembro de 2004, Mar del Plata, Argentina. *Anais...* Mar del Plata, 2004. Publicação em CD-ROM.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/17/39>>. Acesso em: 10 fev. 2010.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediación e información. **Ibersid**, p. 27-35, 2007.

COELHO NETTO, J. T. **Dicionário crítico de políticas culturais: cultura e imaginário**. São Paulo: Fapesp/Iluminuras, 1997.

COELHO NETTO, J. T. **Moderno pós moderno: modos & versões**. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Iluminuras, [1995].

COELHO NETTO, J. T. **Usos da cultura: políticas de ação cultural**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. (Educação e comunicação; v. 16).

DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo? **Prisma.Com: Revista de Ciência da Informação e da Comunicação do CETAC**, Porto, n. 4, p. 1-34, jun. 2007. Disponível em: <http://prisma.cetac.up.pt/edicao_n4_junho_de_2007/>. Acesso em: 21 maio 2010.

FADEL, B. et al. Gestão, mediação e uso da informação. In: VALENTIN, M. (org.). **Gestão, mediação e uso da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Cap. 1, p.13-31.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 1976.

GARCÍA CANCLINI, N. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998. (Ensaio Latino-Americano, 1).

LE COADIC, Y-F. **A ciência da informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1996.

LOPES, M. I. V. **Pesquisa em comunicação**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

MOREIRA, S. S. O ícone e a possibilidade de informação. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, 2º n. especial, p. 30-42, 2º sem. 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb>>. Acesso em: 15 out. 2006.

MOURA, M. A. Ciência da informação e semiótica: conexão de saberes. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, 2º n. especial, p. 1-17, 2º sem. 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb>>. Acesso em: 15 out. 2006.

PEIRCE, C. S. **Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Ed. Hartshorne, Charles; Weiss, Paul; Burks, Arthur. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-1958. 8 v. (re-impressão de Thoemmes Press, 1998).

PEIRCE, C. S. **Escritos coligidos**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

PEIRCE, C. S. **Semiótica e filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1972.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

SANTAELLA, L. ¿Por qué la semiótica de Peirce es también una teoría de la comunicación? **Cuadernos**: Revista de la Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales, San Salvador de Jujuy, n. 17, p. 403-414, feb. 2001.

SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e pensamento**: sonoro, visual, verbal; aplicações na hipermídia. 3. ed. São Paulo: Iluminuras; FAPESP, 2005.

SANTAELLA, L. **O método anticartesiano de C. S. Peirce**. São Paulo: Unesp, 2004.

SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. Trad. Antônio Chelini; José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1970.

SILVEIRA, L. F. B. **Curso de semiótica geral**. São Paulo: Quartier Latin, 2007.

